Introdução ao estudo de O Capital de Marx

O Capital - Crítica da Economia Política

Estrutura:

Vol. I - O processo de produção do Capital

Vol. II - O processo de circulação do Capital

Vol. III - O processo global da produção capitalista

Estrutura do volume I

Seção 1 - Mercadoria e dinheiro

Seção 2 - A transformação do dinheiro em capital

Seção 3 - A produção de mais-valia absoluta

Seção 4 - A produção de mais-valia relativa

Seção 5 - A produção de mais-valia absoluta e relativa

Seção 6 - O salário

Seção 7 - O processo de acumulação de capital

Estrutura do capítulo I: Mercadoria

Seção 1. Os dois fatores da mercadoria: valor de uso e valor (substância do valor e grandeza do valor)

Seção 2. Duplo caráter do trabalho representado nas mercadorias

Seção 3. A forma de valor ou o valor de troca

Seção 4. O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo

A mercadoria

Estudo da primeira seção do primeiro capítulo de O Capital

Seção 1: Os dois fatores da mercadoria: valor de uso e valor

“A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como "uma imensa coleção de mercadoria", e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, portanto, com a análise da mercadoria.”

Questões

a) Por que tratar da riqueza?
b) Riqueza é categoria histórica?
c) O que é modo de produção?
d) Por que usar o termo “aparece”?
e) Por que falar da sociedade ressaltando que aí aparece “uma imensa coleção de mercadorias”?
f) Por que começar pela mercadoria e não pelos indivíduos como a teoria econômica em geral?

A mercadoria é valor de uso

- “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie.”

- “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso.”

Observações

A mercadoria é visível: ela tem propriedades objetivas.

A mercadoria é significado: ela tem a utilidade (que não é meramente subjetivo, mas social).

O que é utilidade?

Considere-se: um abacate, um celular e uma bicicleta etc.

- Eles não são diferentes enquanto coisas?

- As satisfações que proporcionam também não são diferentes entre si?

Problema

Se são coisas diferentes que proporcionam satisfações diferentes porque se pode falar em utilidade como se todos eles tivessem em comum algo; algo este que chamamos de “utilidade”?

Gênero e redução

Considere-se agora, para facilitar, um abacate, uma laranja, uma pera etc.

Qual a diferença entre dizer:

a) são frutas;

b) são coisas que têm “frutidade”?

Resposta

a) Quando se vai das espécies ao gênero põe-se a generalidade das coisas. Ou seja, fruta é um gênero.

b) Quando se vai das espécies à redução põe-se uma determinada singularidade pertencente as coisas. Ou seja, “frutidade” é uma redução.

Questão

- Quando empregamos a palavra “utilidade” estamos apontando para um gênero ou para uma redução?

- O termo “frutidade”, é óbvio, designa algo que não existe? E o termo “utilidade”, designa uma singularidade realmente existente? Ou, tem-se simplesmente que utilidade = coisa útil em geral?

O que diz Walras?

"À primeira vista parece impossível desenvolver anda mais a análise, porque a utilidade absoluta de intensidade nos escapa, já que ela não tem, nem com o tempo, nem com o espaço, uma relação direta e mensurável, como a utilidade de extensão e com a quantidade possuída."

Nota: utilidade de intensidade é uma singularidade relacionada a várias mercadorias; e utilidade de extensão é uma singularidade relacionada a uma mesma mercadoria.

Continuação

"Muito bem! Essa dificuldade não é insuperável. Suponhamos que essa relação exista e vamos poder descobrir, exata e matematicamente, a influência respectiva da utilidade de extensão, da utilidade de intensidade e da quantidade possuída sobre os preços" (p. 53)

Nota: Observe o caráter ficcional da "utilidade" – como algo comum às mercadorias em geral – para Walras. Como é um convencionalista em filosofia da ciência, assume, porém, que ela "existe formalmente"... Por que?

Voltando a Marx

"A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem o mesmo"

Para Marx, pois, utilidade é uma singularidade relacionada a cada espécie de mercadoria em particular. Logo, ele não pode explicar o valor de troca pela "utilidade".

A mercadoria é valor de troca

- “Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta”

- “Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do – valor de troca.”

O que é o valor de troca?

"O valor de troca aparece, de início, com relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço."

Primeiro, portanto, Marx examina como ele aparece.

Questões

- O “aparece” indica que Marx está falando do valor de troca do ponto de vista do vivido, da apreensão cotidiana.

- Por exemplo, ele aparece assim: 1 casaco = 20 lenços.

- Mas ele está examinando também do ponto de vista da ciência que vai querer explicar o valor de troca como mero fenômeno, como mera aparência.

- Os valores de troca aparecem para o senso comum e para a ciência “comum” como algo puramente quantitativo.

Enigma

"O valor de troca parece, portanto, algo casual e puramente relativo; um valor de troca imanente, intrínseco à mercadoria, portanto uma *contradictio in adjecto*" [Ou seja, uma contradição, um absurdo].

Por que?

Enigma? – por que?

- Por que absurdo? Se for explícito, não pode ser implícito.

- Há, pois, uma ambiguidade: valor de troca imanente?!

Ora, a aparência (o valor de troca) tem de ser distinguida da essência (valor imanente).

- Aparência (1 casaco = 20 lenços); essência (valor intrínseco no casaco = valor intrínseco nos 20 lenços)

Uma nota final

Note-se que Marx distingue a ciência que vai explicar o valor de troca por sua essência da ciência vulgar que vai explicá-lo como mero fenômeno quantitativo, tal como aparece no cotidianos dos agentes.

Note-se, ademais, que Marx, distingue a ciência originada na Grécia antiga, especialmente Aristóteles, e desenvolvida pelo idealismo alemão, da ciência moderna (Descartes, Galileu, Newton) .

“Pera aí, mano...”

Mas busca a essência das coisas não é um retorno à metafísica?

Afinal, Marx era um metafísico!!!!?

Não, ele achava que o capitalismo é um sistema metafísico?